

# ENTRE MUROS E PALAVRAS: A LITERATURA COMO DIMENSÃO FORMATIVA NO HORIZONTE DO SUJEITO PRIVADO DE LIBERDADE

BETWEEN WALLS AND WORDS: LITERATURE AS A FORMATIVE DIMENSION  
ON THE HORIZON OF THE INCARCERATED SUBJECT

ENTRE PAREDES Y PALABRAS: LA LITERATURA COMO DIMENSIÓN  
FORMATIVA EN EL HORIZONTE DEL SUJETO PRIVADO DE LIBERTAD

Lidiane Paula Nicoletti<sup>1</sup>  
Maria Regina Johann<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo destaca a imprescindibilidade da reflexão acerca das trajetórias educacionais, visando criar oportunidades para despertar o pensamento crítico e contribuir para um ambiente educacional transformador e emancipatório, sobretudo em contextos desafiadores, como o sistema prisional. No cenário de privação de liberdade, a estratégia de formar indivíduos críticos e autônomos destaca-se ao explorar a convergência entre educação ético-estética e literatura por meio do Projeto Remição de Pena pela Leitura. Sob a fundamentação teórica, este estudo ampara-se nas contribuições de Theodor Adorno (2020), Immanuel Kant (1985), Cláudio Almir Dalbosco (2023), Damião Bezerra Oliveira; Izan Rodrigues de Souza; Fortunato Waldir Ferreira de Abreu (2022), Paulo Evaldo Fensterseifer (2020), José Sérgio Fonseca de Carvalho (2017), Nadja Hermann (2010; 2018), Elionaldo Fernandes Julião (2012) e outros autores que reconhecem na educação um caminho fecundo para a emancipação e pensamento crítico. Mediante as análises, constata-se que o ambiente carcerário constitui um espaço que demanda reflexão contínua sobre a prática pedagógica, reconhecendo o potencial transformador da literatura e da educação na formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel na sociedade, mesmo diante de circunstâncias adversas.

**PALAVRAS-CHAVE:** emancipação; educação ético-estética; literatura; sistema prisional.

**ABSTRACT:** This article highlights the indispensability of reflecting on educational trajectories, aiming to create opportunities for nurturing critical thinking and contributing to a transformative and emancipatory educational environment, particularly in challenging contexts such as the prison system. Within the context of incarceration, the strategy of cultivating critical and autonomous individuals stands out by exploring the convergence between ethical-aesthetic education and literature through the Reading Sentence Remission Project. Theoretical underpinnings of this study draw upon the contributions of Theodor Adorno (2020), Immanuel Kant (1985), Cláudio Almir Dalbosco (2023), Damião Bezerra Oliveira; Izan Rodrigues de Souza; Fortunato Waldir Ferreira de Abreu (2022), Paulo Evaldo Fensterseifer (2020), José Sérgio Fonseca de Carvalho (2017), Nadja Hermann (2010; 2018), Elionaldo Fernandes Julião (2012) and other authors who recognize education as a fruitful path for emancipation and critical thinking. Through analysis, it is observed that the carceral environment constitutes a space that necessitates continuous reflection on pedagogical practice, acknowledging the transformative potential of literature and education in shaping individuals who are critical and aware of their role in society, even in adverse circumstances.

**KEYWORDS:** emancipation; ethical-aesthetic education; literature; prison system.

**RESUMEN:** Este artículo destaca la indispensable reflexión sobre las trayectorias educativas, con el objetivo de crear oportunidades para despertar el pensamiento crítico y contribuir a un entorno educativo transformador y emancipador, especialmente en contextos desafiantes, como el sistema penitenciario. En el escenario de la privación de libertad, se destaca la estrategia de formar individuos críticos y autónomos al explorar la convergencia entre educación ético-estética y literatura a través del Proyecto Remisión de Sentencia a través de la Lectura. Bajo la fundamentación teórica, este estudio se sustenta en los aportes de Theodor Adorno (2020), Immanuel Kant (1985), Cláudio Almir Dalbosco (2023), Damião Bezerra Oliveira; Izán Rodrigues de Souza;

<sup>1</sup> Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Brasil. Orcid: 0009-0005-3885-8971.

<sup>2</sup> Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Brasil. Orcid: 0000-0002-2788-5967.

Fortunato Waldir Ferreira de abreu (2022), Paulo Evaldo Fensterseifer (2020), José Sérgio Fonseca de Carvalho (2017), Nadja Hermann (2010; 2018), Elionaldo Fernandes Julião (2012) y otros autores que reconocen la educación como un camino fructífero para emancipación y pensamiento crítico. A través de los análisis, se desprende que el ambiente penitenciario constituye un espacio que exige una reflexión continua sobre la práctica pedagógica, reconociendo el potencial transformador de la literatura y la educación en la formación de sujetos críticos y conscientes de su papel en la sociedad, incluso frente a situaciones adversas. circunstancias. .

**PALABRAS CLAVE:** emancipación; educación ético-estética; literatura; sistema penitenciario.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo trata do tema da literatura como uma dimensão formativa no horizonte de sujeitos com restrição de liberdade. A temática emerge de uma pesquisa em nível de mestrado que se debruça sobre a remição carcerária pela leitura, e as ideias aqui apresentadas são oriundas de uma revisão de literatura que visa fundamentos teóricos para subsidiar a temática da pesquisa. Sendo assim, buscamos enfatizar a noção de formação humana como uma dimensão de perfectibilidade, fundamental para todos nós, independentemente das circunstâncias de vida em que nos encontramos. Nesse sentido, destacamos a necessidade de problematizar as trajetórias educacionais, visando criar oportunidades para despertar o pensamento crítico e contribuir para um ambiente educacional transformador e emancipatório, especialmente em contextos desafiadores, como o do sistema prisional. Esse contexto impõe um cenário de privação de liberdade e nos desafia a pensar em estratégias educativas, em horizonte crítico, que possibilite a promoção da autonomia dos sujeitos em cárcere, a partir de uma perspectiva de formação e autoformação de horizonte ético-estético.

O desafio a que nos propomos é o de explorar a convergência entre educação ético-estética e literatura por meio do projeto de remição da pena pela leitura. Sob o enfoque teórico, este trabalho pauta-se nas contribuições de diversos autores, em especial, Theodor Adorno (2020) e Immanuel Kant (1985), Cláudio Almir Dalbosco (2023), Damião Bezerra Oliveira; Izan Rodrigues de Souza; Fortunato Waldir Ferreira de abreu (2022), Paulo Evaldo Fensterseifer (2020), José Sérgio Fonseca de Carvalho (2017), Nadja Hermann (2010; 2018), Elionaldo Fernandes Julião (2012), Elenice Onofre e Elionaldo Julião (2013). Tais autores, reconhecem na educação uma senda fecunda para a autonomia.

Mediante tal revisão de literatura, constatamos que o ambiente carcerário constitui um espaço que demanda reflexão contínua sobre a prática pedagógica, reconhecendo o potencial transformador da literatura e da educação na formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel na sociedade, mesmo em face de circunstâncias adversas.

O recorte acerca da temática da remição, no horizonte da educação ético-estética, propõe-se a compreender em que medida a especificidade da obra literária pode promover

uma vivência reflexiva no sujeito que faz leitura e se isso tem potencial auto/formativo para sujeitos em restrição de liberdade. A nossa aposta recai sobre o potencial da obra literária, que por sua característica poética pode colocar o sujeito diante de diferentes narrativas acerca da condição humana, enriquecendo sua visão de mundo e, assim, contribuindo para refletir acerca de sua própria existência. Com esse acento, almejamos defender que a leitura de obras literárias no horizonte do projeto “Remição da pena pela leitura” possa transcender a mera redução temporal da pena e se configurar igualmente como uma ocasião de formação pessoal, proporcionando ao indivíduo em regime de cárcere um momento de suspensão parcial de sua rotina e facultando-lhe a vivência de um tempo/espço de prazer, deleite, reflexão e, quem sabe, até de uma experiência estética.

A aposta no estudo dessa questão nasce da vivência de uma docente de Letras no contexto educacional prisional. Quando, em 2019, uma parceria entre entes públicos (educação, segurança e judiciário) viabilizou seu envolvimento, de forma voluntária, no Projeto de Remição da Pena pela Leitura. Experiência profissional que possibilitou reflexões acerca das adversidades advindas do ambiente, bem como dos sujeitos participantes.

Em consideração ao exposto, entendemos que promover entre os educandos a capacidade de problematizar, argumentar, criticar e refletir sobre os conhecimentos adquiridos no ambiente escolar desempenha um papel essencial no fortalecimento do pensamento crítico em nossa sociedade. Bauman (2013) sugere a metáfora dos mísseis balísticos para compará-los, destacando sua capacidade de ajustar a trajetória ao identificar o alvo. Analogamente, a educação deve possuir a habilidade de capacitar o sujeito a pensar, assimilar novos comandos e a mudar radicalmente de ideia, mantendo o objetivo fundamental: "o único propósito invariável da educação era, é e continuará a ser a preparação desses sujeitos para a vida segundo as realidades que tenderão a enfrentar" (Bauman, 2013, p. 16). Nessa ideia de Bauman reside um argumento potente para sustentarmos o investimento na educação e na formação humana.

A resistência a discursos autoritários, conforme proposto por Adorno (2020), torna-se um imperativo para evitar a institucionalização de narrativas que perpetuam a padronização e a falta de emancipação. Ao vincularmos essas considerações ao contexto prisional, os desafios multiplicam-se e uma questão se coloca: o que pode a educação promover em relação à autonomia em um ambiente tão desafiador, onde as adversidades se manifestam de diversas formas e a manipulação assume contornos sutis e explícitos?

Sobre a importância do estudo em tal seara, Julião (2012) destaca:

A educação em espaços de privação de liberdade pode ter principalmente três objetivos imediatos que refletem as distintas opiniões sobre finalidade do sistema de justiça penal: (1) manter os reclusos ocupados de forma proveitosa; (2) melhorar a qualidade de vida na prisão; e (3) conseguir um resultado útil, tais como ofícios, conhecimentos, compreensão, atitudes sociais e comportamento, que perdurem além da prisão e permitam ao apenado o acesso ao emprego ou a uma capacitação superior, que, sobretudo, propicie mudanças de valores, pautando-se em princípios éticos e morais. Esta educação pode ou não se reduzir no nível da reincidência. Já os demais objetivos fazem parte de um objetivo mais amplo que a reintegração social e desenvolvimento potencial humano. (Julião, 2012, p. 221)

Apontar alguns aspectos acerca dessa questão, em especial no que tange ao potencial formativo das pessoas, é propósito deste artigo, que está vinculado a pesquisa “Virando a página: a leitura que liberta”. Tal pesquisa, versa, de modo geral, sobre a Remição de pena pela Leitura<sup>3</sup> na Penitenciária Modulada Estadual de Ijuí/RS. Essa pesquisa pauta-se em uma abordagem qualitativa e vale-se de procedimentos de revisão bibliográfica. O objetivo é tematizar a dimensão da autonomia em sujeitos privados de liberdade e pensar nas potencialidades dessa questão à luz da formação ético-estética, que toma a literatura como obra e patrimônio humano com potencial formativo.

No âmbito da relação entre educação e literatura, a discussão se estende à dimensão ético-estética, destacando a importância da formação não apenas intelectual, mas também sensível e ética dos sujeitos. Nesse sentido, o Projeto Remição de pena pela Leitura além de contabilizar dias remidos<sup>4</sup>, pode ser uma ferramenta cooperativa para a construção de sujeitos mais críticos, conscientes e autônomos - possibilitando a conexão com as diversas experiências humanas, compreendendo distintas perspectivas de encarar a vida e cultivar empatia em direção ao horizonte do outro, promovendo assim um crescimento pessoal significativo no contexto penitenciário. Em consideração ao exposto, as seções que seguem tratam acerca da emancipação e autonomia, da formação e da educação ético-estética.

## **AUTONOMIA E FORMAÇÃO**

Revisar e atualizar o conceito de emancipação é um aspecto significativo para fundamentar teoricamente o tema que transversaliza essa pesquisa, que diz respeito ao sentido da autonomia para sujeitos privados de liberdade. Para tanto, recorreremos a autores clássicos

---

<sup>3</sup> Projeto que consiste em proporcionar ao sujeito privado de liberdade abreviar o período de permanência no cárcere através da leitura de uma obra literária, científica, filosófica, dentre outras.

<sup>4</sup> Artigo V da Resolução Nº 391 de 10/05/2021: Para cada obra lida corresponderá a remição de 4 (quatro) dias de pena, limitando-se, no prazo de 12 (doze) meses, a até 12 (doze) obras efetivamente lidas e avaliadas e assegurando-se a possibilidade de remir até 48 (quarenta e oito) dias a cada período de 12 (doze) meses.

que versam sobre a condição humana no horizonte da perfectibilidade. Significa dizer que a nossa humanização se faz porque alguém se ocupa de nos cuidar e nos educar. O diferencial de espécie dos humanos está justamente nessa particularidade, de sermos uma espécie que requer atenção, cuidados, dedicação e interação social. Nesse bojo, entendemos a educação como um processo intergeracional, que se faz entre pares e que têm os princípios éticos, estéticos e políticos como elementos balizadores de uma concepção geral, pautada na dimensão republicana e democrática. Por conseguinte, tomamos a educação como sendo um projeto de autonomia que pauta a formação humana. Para esse diálogo, nos valem de Adorno e Kant, mas também de Dalbosco, Fensterseifer e Oliveira *et al.*

Deste ponto de vista, autonomia e emancipação são dimensões inter-relacionadas. Nessa perspectiva, podemos dizer que a autonomia pavimenta o caminho para a emancipação, uma vez que ela contribui para formação de sujeitos capazes de pensar criticamente e decidir, pautados em certo princípios e valores, como a democracia, a liberdade e a igualdade. Sobre isso, é relevante destacar a compreensão de Adorno (2020) sobre a autonomia no sentido kantiano, em que a capacidade de reflexão acerca de suas próprias escolhas se configura como condição fundamental, conforme argumentado por Kant (1985) ao definir autonomia como ter liberdade:

É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um médico que por mim decide a respeito de minha dieta, etc., então não preciso esforçar-me eu mesmo. Não tenho necessidade de pensar, quando posso simplesmente pagar; outros se encarregarão em meu lugar dos negócios desagradáveis. A imensa maioria da humanidade (inclusive todo o belo sexo) considera a passagem à maioridade difícil e além do mais perigosa, porque aqueles tutores de bom grado tomaram a seu cargo a supervisão dela. Depois de terem primeiramente embrutecido seu gado doméstico e preservado cuidadosamente estas tranquilas criaturas a fim de não ousarem dar um passo fora do carrinho para aprender a andar, no qual as encerraram, mostram-lhes, em seguida, o perigo que as ameaça se tentarem andar sozinhas. (Kant, 1985, p. 100-102)

Ao não assumir a condição racional, o sujeito permanece na menoridade e assim, refém dos costumes e tradições. Ao assumir sua autonomia poderá refletir sobre suas escolhas sem estar condicionado ao autoritarismo ao ponto de possibilitar uma educação em busca de emancipação, de distanciamento às práticas autoritárias. Adorno (2020) exemplifica algumas delas e nos oportuniza pensarmos em modos de enfrentá-las:

[...] imaginaria que nos níveis mais adiantados do colégio, mas provavelmente também nas escolas em geral, houvesse visitas conjuntas a filmes comerciais, mostrando-se simplesmente aos alunos as falsidades aí presentes; e que se proceda

de maneira semelhante para imunizá-los contra determinados programas matinais ainda existentes nas rádios, em que nos domingos de manhã são tocadas músicas alegres como se vivêssemos num "mundo feliz", embora ele seja um verdadeiro horror; ou então que se leia junto com os alunos uma revista ilustrada, mostrando-lhes como são iludidas, aproveitando-se suas próprias necessidades impulsivas; ou então que um professor de música, não oriundo da música jovem, proceda a análises dos sucessos musicais, mostrando-lhes por que um hit da parada de sucessos é tão incomparavelmente pior do que um quarteto de Mozart ou de Beethoven ou uma peça verdadeiramente autêntica da nova música. Assim, tenta-se simplesmente começar despertando a consciência quanto a que os homens são enganados de modo permanente, pois hoje em dia o mecanismo da ausência de emancipação é o *mundus vult decipi* em âmbito planetário, de que o mundo quer ser enganado. (Adorno, 2020, p. 182-183)

No que concerne ao cenário político, é essencial destacar que a educação não apenas possibilita, mas também proporciona a reflexão crítica sobre o contexto das ideologias vigentes. Tal afirmação se justifica a partir do exemplo de Adorno (2020), ao movimentar a socialização das ideias para que o sujeito escolar, num contexto social, possa garantir sua própria construção de mundo. Com isso, é evidente a compreensão crítica do papel da educação na superação da ideologia dominante, pois nela ocorre o trânsito de todos os saberes.

Ao considerar esses elementos preliminares para um ambiente de privação de liberdade, como é o caso do cárcere, as adversidades podem assumir diversas formas, algumas com um grau de tensão altíssimo, desde as limitações físicas e de espaço até a negociação de dinâmicas sociais complexas. A manipulação, por sua vez, pode se manifestar de maneiras sutis ou explícitas, seja por meio de dinâmicas de poder entre os encarcerados ou através de estruturas institucionais que limitam a liberdade de escolha. Como a educação poderia desenvolver, ainda que tardiamente, a promoção da autonomia/emancipação num ambiente tão desafiador?

Quando a escola não realiza o desenvolvimento intelectual da crítica, impede a emancipação, mesmo que parcial, do sujeito. Para Adorno, a educação também possui caráter político, devendo partir para o debate, visto que é nele que encontramos o desvelamento das ações dos sujeitos na sociedade. E ainda, para que barbáries como a de Auschwitz não se repitam (Adorno, 2020), há de se precaver dos discursos autoritários - pois uma sociedade que tolera a padronização desses discursos nos espaços educacionais corre o risco de institucionalizar essas narrativas, perpetuando/normalizando tais comportamentos.

Diante das indagações propostas por Adorno, que ressaltam a importância de debater os propósitos da educação, é relevante observar sua oposição ao modelo ideal. Nesse

contexto, o filósofo declara: “é bastante conhecida a minha concordância com a crítica ao conceito de modelo ideal [...] gostaria apenas de atentar a um momento específico no conceito de modelo ideal, o da heteronomia, o momento autoritário, o que é imposto a partir do exterior” (Adorno, 2020, p. 141).

Em virtude disso, a crítica à educação vista como ideal forjada nos moldes pré-existentes entra em contradição com a ideia de emancipação. “[...] em contradição com a ideia de um homem autônomo, emancipado, conforme a formulação definitiva de Kant na exigência de que os homens tenham que se liberar de sua auto inculpável minoridade” (Adorno, 2020, p. 141). A advertência de Adorno, embora feita em contexto pós segunda guerra mundial, ainda são válidas, pois argumenta a favor da emancipação do pensamento em relação à modelação dos sujeitos: “[...] uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado” (Adorno, 2020, p. 142). Assumidamente defensor das democracias, Adorno se posiciona a favor dos ideais emancipatórios, desde a educação até o campo político. Considerando a perspectiva crítica do autor, “a educação precisa ser problematizadora, de modo a levar adiante continuamente a sua crítica ao *status quo*” (Oliveira *et all*, 2022, p. 8).

Evidencia-se a educação, na visão adorniana, como ideia de emancipação da prática e do pensamento crítico. Por conseguinte, o filósofo atenta às dificuldades encontradas no avanço das ideias da emancipação na educação, tais como: a ideologia dominante que “[...] exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda a educação” (Adorno, 2020, p.144). E sobre esse aspecto, o filósofo fornece elementos contundentes para pensarmos a educação no tempo presente, tecendo uma crítica aos projetos que visam ajustar os sujeitos ao invés de emancipá-los. Porém, faz uma observação oportuna em relação ao papel ambíguo da educação, especialmente no que tange aos seus objetivos e propósitos:

[...] A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de *well adjusted people*, **pessoas bem ajustadas**, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambiguidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela. (Adorno, 2020, p. 143-144).

Além disso, a visão de mundo dos alunos está forjada a partir daquilo que a escola

mostra ser certo ou adequado, então aqui residiriam aspectos da formalização. Quando as instituições de ensino, principalmente básico, materializam de forma instrumental e pouco críticas às políticas do Estado para a educação, restringe-se a capacidade criativa dos alunos, que seria fundamental para seu desenvolvimento integral e sua emancipação social. Então, o formalismo estaria na repetição do modelo que enfatiza o conhecimento do professor em detrimento de uma relação mais dialógica, que considera os saberes e as culturas estudantis, sugestionando uma postura de passividade em relação aos processos de ensino e aprendizagem.

Para atender às reflexões anteriores é importante observar que Adorno retoma a proposta kantiana de emancipação, evidenciando o resgate que Kant (1985) fez em relação ao conceito de esclarecimento, no sentido de possibilidade de os homens tornarem-se livres, ou seja, emancipados. Seguramente, Kant mobiliza a palavra esclarecimento (*aufklärung*), no lugar de emancipação, ou seja, no sentido de ser a possibilidade do desenvolvimento, a saída do homem de sua condição de menoridade para um processo emancipatório.

Esclarecimento é a saída do homem da menoridade pela qual é o próprio culpado. Menoridade é a incapacidade de servir-se do próprio entendimento sem direção alheia. O homem é o próprio culpado por esta incapacidade, quando sua causa reside na falta, não de entendimento, mas de resolução e coragem de fazer uso dele sem a direção de outra pessoa. *Sapere Aude!* Ousa fazer uso de teu próprio entendimento! (Kant, 1985, p. 407)

Para Kant (1985), o processo de emancipação dos indivíduos está no uso da capacidade racional. Então, a relação efetiva entre modernidade e autonomia está na condução do homem moderno autônomo como representante de todos nesse mesmo processo, pois devido à trajetória histórica, essa é a dinâmica, ou seja, da representatividade.

Para Adorno (2020), quando a educação não é capaz de possibilitar a autonomia dos sujeitos, ela se torna um perigoso instrumento de manipulação. A autonomia, tal como ele a compreende, nos remete ao sentido kantiano do termo; trata-se da condição fundamental para que a reflexão se torne possível. Condição em que cada um mediante a vontade livre seja capaz de realizar suas próprias escolhas.

Com efeito, Kant (1985), define a vontade como uma ação que deve estar livre das determinações puramente sensíveis. Assim sendo, somente a razão, poderia se colocar como o fundamento das ações que se orientam no sentido próprio da liberdade. Ter autonomia, portanto, significa, de acordo com Kant, assumir o compromisso com a própria

liberdade. Como assevera, “preguiça” e “covardia” impedem o homem de assumir o compromisso consigo mesmo. Preferindo a dependência em relação ao outro, o homem jamais conseguirá sair da sua “menoridade” (Kant, 1985, p. 100-102).

Permanecer na menoridade, portanto, é não querer assumir a própria condição racional, aceitando ser movido pelos costumes e tradições, assumindo uma postura acrítica. A autonomia, ao contrário, é sinônimo de liberdade, e, desse modo, permite que os caminhos sejam guiados pela reflexão, e não por quaisquer formas de autoritarismo condicionado.

Desenvolver a autonomia é ser capaz de questionar e, quem sabe, até superar os discursos coletivistas e/ou individualistas que justificam certos fenômenos por perspectivas meritocráticas, uma vez que se apoiam na ideologia da competência, que concebe o sujeito como empreendedor de si mesmo (Chauí, 2014). Discursos, esses, que vingam facilmente em propostas que tomam a escola como empresa, e as competências se sobrepõem aos conteúdos, saberes e valores. Como nos lembra Adorno (2020, p. 127), um dos riscos a que a educação está sujeita, sobretudo nos estabelecimentos de ensino, é a manutenção de discursos coletivistas que intimidam determinadas posturas críticas. Frases ouvidas com frequência como as do tipo: “é preciso vestir a camisa da escola”, ou ainda, “a escola precisa falar uma só língua” ilustram com precisão tais discursos. Estas práticas discursivas indicam, embora às vezes de modo imperceptível, a tentativa de construção de um único discurso, e, através dele, a padronização de comportamentos, reforçando justamente àquilo que foi fundamental para que Auschwitz existisse: “o problema da coletivização” (Adorno, 2020, p. 127).

Nessa perspectiva, ao refletir sobre os desafios da docência para inter-relacionar a teoria e prática, delinea-se um movimento de suma importância. Tal movimento não apenas incita a necessidade de traduzir conceitos abstratos em experiências tangíveis, mas também ressalta a urgência de cultivar abordagens pedagógicas que promovam a crítica/autonomia/emancipação. Nesse horizonte,

[...] é necessário realizar o movimento contrário ao do ato pedagógico instrumentalizado pela técnica, em direção a uma atitude de crítica ponderativa que, por sua vez, deverá conduzir o sujeito – compreendido como ser no mundo e em relação com os outros – no esforço criativo em direção à libertação humanizadora. Esse deve ser o sentido ontológico e gnosiológico da formação libertadora. (Oliveira *et all*, 2022, p. 8)

Portanto, enfrentar tais desafios não se limita à transmissão de informações, mas

envolve a criação de um ambiente educacional que inspire e capacite os alunos a integrar efetivamente, de modo reflexivo e mediado, o aprendizado em suas vidas cotidianas. Por isso é necessário ponderar que, em tempos de perspectiva neoliberais, corre-se o risco do esquecimento do próprio sentido formativo da educação. Para elucidar tal esquecimento, Dalbosco (2024) recorre a Biesta (2013), que argumenta que o mesmo é provocado pelo predomínio do paradigma da aprendizagem, que é dominado pela linguagem das competências e habilidades. Quando negligenciamos a tarefa primordial da escola, corremos o risco de transformá-la em uma mera prestadora de serviços que responde às demandas do público, ao invés de “entendê-las” (Fensterseifer, 2020), barateando a formação das novas gerações, alijando-as de uma formação científica e cultural de viés ético, político e estético.

Portanto, embora Kant (1985, p.100) tenha firmado “é tão cômodo ser menor”, nos cabe enfrentar essa vontade de menoridade e assumirmos a nossa condição humana em busca da perfectibilidade e, para isso, Fensterseifer (2020, p.43-44) sugere que:

[...] devemos, se não quisermos seguir em uma situação de menoridade (“incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo”, *ibidem*), apresentar, na condição de professores, argumentos capazes de sensibilizar a sociedade a respeito da nossa função no interior da sociedade contemporânea.

Assumirmos a tarefa docente em vistas da educação para a autonomia, exige que nos coloquemos abertos aos diversos contextos educativos e o da educação em espaço prisional é um deles. A particularidade de uma escola em contexto prisional impõe uma série de desafios, a começar pela característica arquitetônica, as rotinas e dinâmicas próprias do lugar, os eventos que interrompem as rotinas e, especialmente, os sujeitos que ali circulam, trabalham e vivem. Tudo isso compõe parte dessa singularidade, que se complexifica quando nela se insere ainda a dimensão formativa, considerando que são diversos os motivos e as razões pelas quais os sujeitos ficam em situação de restrição de sua liberdade. É sobre tais aspectos que recai o foco da próxima seção.

## **A EMANCIPAÇÃO EM CONTEXTO DE CÁRCERE: DESAFIOS À EDUCAÇÃO**

Esta seção tematiza a dimensão formativa dos sujeitos em restrição de liberdade e apresenta argumentos em prol de uma educação que promova oportunidades formativas e, neste caso, apostamos no encontro com a obra literária. Nesse horizonte, mobilizamos

argumentos em direção à dimensão ético-estética como um âmbito de emancipação dos sujeitos em privação de liberdade. Para tanto, recorreremos a autores como Oliveira *et all*, Onofre e Julião, Hermann, Cosson e Carvalho.

Conforme Adorno (2020), revelar as diferenças que existem entre o que realmente fizemos e o que pretendemos fazer, deve ser uma constante na práxis pedagógica, seja pela crítica ou pela auto avaliação a que devemos nos submeter. Ocorre que ao refletir a práxis para sujeitos em situação de cárcere há que se pautar na compreensão das múltiplas dimensões que envolvem a vida dos sujeitos em privação de liberdade - considerando não apenas as barreiras físicas das celas/grades/muros, mas também as barreiras sociais, culturais, emocionais e educacionais que permeiam o cotidiano prisional.

O desafio de ministrar aulas para indivíduos submetidos à privação de liberdade desperta apreensões motivadas pela particularidade local como insegurança quanto à dinâmica professor-aluno e a necessidade de abordar temas de natureza pessoal para sujeitos que cometeram infrações graves. Agrega-se a isso o fato de experienciar o ambiente e a rotina do cárcere, visualizar grades, a movimentação e a sonoridade do bate-grade (conferência) que acrescenta sua peculiar cacofonia, a organização dentro das celas, bem como a administração da instituição e até mesmo testemunhar operações especiais. Tudo isso envolve dimensões que também são de perspectivas estéticas em relação a esse singular ambiente de convívio e trabalho.

Quando um sujeito se confronta com uma edificação prisional, é quase que compelido a percorrer seu olhar pela grandiosidade dos muros circundantes. Elevados, robustos, saturados de concreto e empenhados em obscurecer a luminosidade, contrastando-se de forma vívida entre o concreto sólido, o aço imponente e a profusão de grades. Impossível não sentir-se afetadas, os sentidos são mobilizados na percepção desse lugar, e embora tudo o que permeia este ambiente, é inegavelmente que são os muros que exercem a impressão mais inquietante. Essa estética mexe com nossos sentidos e, por óbvio, também exerce influências na formação dos sujeitos.

Superar essa primeira impressão, bem como concentrar-se no propósito de oferecer oportunidades de aprendizado e crescimento de tais indivíduos, revela-se como a mais nobre das incumbências. Manter a empatia, a compreensão e a disposição para escutar as histórias e aspirações deles, pois muitos podem estar buscando reconstruir suas vidas e a educação pode ser a chave para essa oportunidade. A presença imponente desses muros cria uma atmosfera que, por si só, pode ser intimidante e essa grandiosidade de concreto pode ser vista como um lembrete constante das limitações e restrições impostas aos

detentos, mas também uma motivação para buscar a transformação e a reinserção daqueles sujeitos na sociedade.

Ao contemplar o filme *O Último Vagão* (2023)<sup>5</sup>, cuja trama foi inspirada em uma obra literária de igual título, sobre a personagem da professora Georgina, que leciona em um carro ferroviário na zona rural do México, somos lembrados do potencial transformador da educação em ambientes desafiadores. A experiência de Georgina como educadora, enfrentando obstáculos semelhantes, ressoa como um testemunho inspirador do poder do conhecimento para transcender as barreiras impostas pelo ambiente. O filme ilustra como a educação pode servir como uma ponte para a esperança e a mudança, mesmo nas circunstâncias mais adversas e pelo viés estético, o enredo cinematográfico fomenta reflexões acerca da condição humana e sua perfectibilidade, entendida como uma busca pelo aperfeiçoamento humano.

À semelhança do cenário retratado no filme, os desafios inerentes à prática docente refletem nas vivências de Georgina, inseridos em um contexto de turmas multisseriadas em meio a uma realidade sociocultural economicamente desfavorecida, tal qual na nossa própria experiência nas salas/celas<sup>6</sup> de aula. Ficção e realidade nos confrontam com entraves de todas as ordens, tais como a escassez de recursos, restrições de segurança, sem omitir a complexidade decorrente da diversidade de trajetórias educacionais e níveis de proficiência dos sujeitos escolares. Assim, torna-se premente a necessidade de desenvolver estratégias de ensino que se revelem flexíveis e aptas a atender às demandas individuais de cada sujeito.

Elenice Onofre e Elionaldo Julião (2013) refletem que a educação escolar não deve ser uma instância isolada nas instituições prisionais. Advertem sobre a necessidade dessas instituições passarem por uma reforma, inclusive arquitetônica, que possibilite e promova o sistema prisional como espaço educativo em sua totalidade. Assim, ressaltam que:

A aprovação das Diretrizes Nacionais consistiu em significativo avanço, alcançado por lutas desde 1980 e que se trata de um marco histórico relevante. Contudo, a garantia de sua implementação é um desafio a ser enfrentado, pois embora sua

---

<sup>5</sup> Obra cinematográfica apreciada por discentes, docentes e profissionais do campo educacional. Evento fomentado pelo Projeto Cinema e Educação em Debate, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí/RS).

<sup>6</sup> O Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos (NEEJA) Agente Penitenciário Jair Fiorin, situado nas dependências da Penitenciária Modulada Estadual de Ijuí (PMEI), não se limita a uma estrutura física convencional. O liceu se organiza administrativa e pedagogicamente em um espaço designado para esse propósito, enquanto as salas de aula são distribuídas entre os módulos e as galerias da unidade prisional, totalizando sete salas que foram criadas a partir da adaptação de duas celas, formando assim um ambiente capaz de atender até dez alunos.

aprovação possa ser considerada uma decisão política, um passo a mais para estabelecer um novo olhar sobre a educação, faz-se necessário centrar esforços na busca de caminhos para o enfrentamento dessa miopia de que tem se revestido o fenômeno educativo no contexto prisional, através da convergência de ações do poder público em diferentes âmbitos e esferas, da sociedade civil, das Organizações Não-Governamentais, das universidades e da mídia, enfatizando-se que, por seu lado, as instituições prisionais devem se deixar conhecer e desvelar, com nitidez, a penumbra na qual se escondem. (Onofre; Julião, 2013, p. 66-67)

Se a atenção à educação no ambiente prisional continuar a ser subestimada tanto nos estudos científicos quanto nas políticas públicas educacionais, é provável que o tradicional modelo de reintegração social, marcado por sua obsolescência e inadequação aos desafios contemporâneos, permaneça em vigor.

Na obra cinematográfica supracitada, a docente desempenha um papel preponderante na vida do personagem principal, Ikal. Essa influência é notável devido à introdução de um livro como elemento determinante, o que ocorre também com o sujeito participante do Projeto Remição pela Leitura. Ao considerar a relação entre ficção e realidade, torna-se evidente uma convergência temática essencial, que é o valor da liberdade, que permeia tanto a trajetória de Ikal quanto a vida do sujeito privado de liberdade - cada qual com suas singularidades. Independentemente do contexto em que se encontram esses indivíduos, “a ação de engajar-se em sua causa é um ato que se revela fundamental para a busca de sua emancipação”, como evidenciado nas palavras de Paulo Freire (2018, p. 74).

Promover o desenvolvimento humano em sua totalidade, garantindo ao indivíduo o acesso a uma formação sólida para o pleno exercício de seus deveres e direitos como cidadão, deve ser o princípio orientador de qualquer política pública de educação, inclusive no cárcere. Nesse contexto, a literatura, com seu poder humanizador (Cosson, 2020), desempenha um papel significativo no processo de formação do indivíduo, uma vez que as obras literárias estimulam a sensibilidade, as emoções, a imaginação e, assim, favorecem a autorreflexão daqueles que as leem (Hermann, 2010).

A crítica, a reflexão e a autocriação do mundo não se manifestam como eventos conclusivos e estáticos, mas sim como um esforço contínuo e progressivo que confere significado ao sujeito envolvido. Sob uma perspectiva ontológica, o tempo preeminente neste cenário humano em constante evolução e incompletude não é o passado nem o presente, mas sim o futuro, com sua contingência e potencial de abertura (Oliveira *et all*, 2022).

Bourscheid e Timm destacam que a docência pode ser concebida como uma profissão dedicada ao processo de ensino e aprendizagem, dada sua significativa influência

sobre os educandos (2023, p.3). Educar e formar sujeitos autônomos não se revela como uma tarefa simples, mas sim como um desafio complexo e contínuo. Esse desafio é ainda mais acentuado em contextos de restrição de liberdade, como no caso de indivíduos em situação de encarceramento, onde os dilemas e adversidades são intensificados. Ensinar nessas circunstâncias requer, portanto, propósitos claros e uma postura inclusiva bastante aberta.

## **EDUCAÇÃO E LITERATURA: CONTRIBUIÇÕES ÉTICO-ESTÉTICA PARA A EMANCIPAÇÃO DOS SUJEITOS EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE**

A literatura, enquanto artefato artístico-cultural, não apenas amplifica o domínio do letramento literário, mas também alarga os horizontes da compreensão da existência humana. A cada página, o leitor empreende uma jornada através de um vasto e inexplorado território de possibilidades, imergindo-se em um processo de exploração, compreensão, imaginação e sonho, cujo desfecho culmina na revelação de um universo fértil de saberes e vivências. Este mosaico forma um panorama abrangente e polifônico da condição humana. Sob esta ótica, as palavras de Cosson (2020) ressoam:

O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. O conhecimento de como esse mundo é articulado, como ele age sobre nós, não eliminará seu poder, antes o fortalecerá porque estará apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância. (Cosson, 2020, p. 29)

A literatura, como ponte transcendental que entrelaça o ser humano à complexidade da existência, não apenas instiga o leitor a reconfigurar seus pensamentos sobre a vida, mas também o incita a vivenciar questões pessoais de maneira inédita, convidando-o a contemplar o mundo sob uma nova perspectiva e a estranhar aspectos que haviam sido naturalizados no cotidiano.

Neste contexto, a reflexão sobre a complexidade dos relacionamentos interpessoais surge como uma jornada enriquecedora, imersa em experiências cotidianas que exemplificam a experiência estética em sua plenitude. Essa vivência transcende não apenas o âmbito emocional e intelectual, mas também o espiritual, provocando uma diversidade de respostas e compreensões, enriquecendo, assim, a experiência humana. Nadja Hermann declara que “a experiência estética é uma chance para o homem perceber, num mundo contingente, que a relação com o outro é uma experiência do limite da compreensão, daquilo que é indivisível,

inaudito” (2010, p. 73).

A vivência estética desperta a imaginação, transforma o material disponível, desafia os sentidos e destaca a multiplicidade, o que nos habilita a conceber novos significados. Quando desvinculada de hierarquias restritivas, a estética facilita a construção de um mundo interior por meio do florescimento da imaginação. Essa, recuperada em sua plenitude, permite conjecturas e a receptividade a distintas formas de existência, expandindo, assim, nosso discernimento dos afetos e a ponderação de suas consequências. Ela contribui para a internalização dos sentimentos, preparando-nos para reorganizar nossos pensamentos, emoções e motivações (Hermann, 2018).

Considerando o impacto da obra literária na sensibilidade, nas emoções, na imaginação e na autorreflexão do leitor, conforme apontado por Hermann (2010), é plausível afirmar sua relevância na formação ética do indivíduo. Tal relevância se manifesta na capacidade da literatura de estimular a exploração e a reflexão sobre questões morais, valores e dilemas éticos, constituindo-se assim em um veículo privilegiado para o enriquecimento do pensamento ético e moral. Através da imersão em diversas obras literárias, é possível estabelecer uma conexão íntima com as narrativas das experiências humanas e por conseguinte, ampliar nossa compreensão ao contemplar múltiplas perspectivas e cultivar empatia; afinal

A estética sempre se interpôs contra o rígido racionalismo, para destacar que as forças da imaginação, sensibilidade e das emoções teriam maior efetividade para o agir do que a formulação de princípios abstratos e do que qualquer fundamentação teórica da moral. (Hermann, 2010, p. 93)

Do ponto de vista de Hermann, a estética e a ética têm potencial de complementaridade e, é nesse horizonte, que tomamos o conceito ético-estético como oportuno para pensarmos a educação e a formação dos sujeitos. A estética é concebida por Hermann (2018, p. 10) como

[...] uma dimensão capaz de atender às demandas geradas pela valorização do corpóreo e dos afetos no processo formativo. A estética envolve os sentidos, que, libertos dos aprisionamentos metafísicos, passam a ser tão importantes quanto o intelecto para a compreensão dos afetos. Ela põe em ação os canais da sensibilidade, que nos permitem configurar uma realidade que vamos criando, num jogo entre entendimento e imaginação.

Em consideração ao exposto, assumimos uma perspectiva formativa que contempla também a razão sensível e, não, exclusivamente, a cognição e o intelecto. Nessa direção, os docentes, que se engajam em um projeto voltado para a leitura e remição de pena,

assumem um papel preponderante no processo de formação ético-estética, ao colocarem-se como interlocutores na exploração dos significados, temas e valores presentes nas obras literárias. Hermann levanta uma questão pertinente para estes que são dedicados à educação, ao afirmar que

As diferentes estratégias que permitem formar uma sensibilidade aguçada para com as particularidades da situação e a atenção às emoções em relação à construção da moralidade são contribuições da arte de viver que devem ser consideradas na educação, se quisermos educar pessoas com capacidade de decidir e conduzir suas vidas. (Hermann, 2010, p. 105)

Portanto, a literatura se configura como uma via para nos conectarmos com diferentes realidades, uma vez que sua especificidade estética potencializa os sentidos, possibilitando o acesso a mundos imaginários, histórias ressignificadas e a tradutibilidade em perspectiva própria e, nisso, ela desempenha também uma função (auto) formativa (Johann, 2020). Sendo assim, é importante o acesso a uma ampla gama de obras literárias que representam diversas culturas e identidades, que narram diferentes histórias e dramas, abordando questões fundamentais acerca da condição humana. Tal acesso contribui significativamente para a compreensão dos dilemas da vida, auxiliando na formação de uma consciência multicultural e intercultural e na promoção dos valores de igualdade, alteridade e inclusão social.

Além disso, no contexto prisional, a experiência estética tem potencial de desempenhar o papel de uma forma de escapismo, oferecendo um refúgio temporário das preocupações e do estresse inerentes à vida no cárcere. Ao se envolver com uma obra de arte, os sujeitos privados de liberdade têm a oportunidade de se desconectar das pressões externas do ambiente penitenciário e reconectar-se com sua própria existência, proporcionando um alívio momentâneo para os obstáculos diários àqueles que se encontram aprisionados. Nesse sentido, desenvolver e cultivar o hábito de leitura de obras literárias também seria um investimento no autocuidado, uma dimensão fundamental para quem está sob privação de liberdade.

A educação, no interior das prisões, adquire contornos de esperança e possibilidade de transformação. Ela não pode tudo, e não deveria ser vista como redentora dos sujeitos, mas é sempre saudável apostar na sua potência, pois a emancipação pressupõe o esclarecimento e esse advém do acesso ao conhecimento, à formação de valores e das oportunidades reflexivas. Nesse contexto, a educação não apenas faculta o acesso a conhecimentos e capacidades práticas que podem desdobrar-se em perspectivas futuras, mas também se configura como um caminho para a edificação da autoestima, da autoconfiança e do sentido

de propósito. Através do processo educativo, é possível incitar uma resignificação das trajetórias individuais, possibilitando que os sujeitos privados de liberdade encontrem uma via alternativa de crescimento, mesmo em meio a desafios adversos.

Assim sendo, a apreciação e problematização de obras literárias pode ser um modo de reflexão e autorreflexão em que o sujeito se vê confrontado com seus dilemas pessoais podendo percebê-los num horizonte universal, uma vez que as histórias inventadas ou reinterpretadas permitem o reconhecimento subjetivo em relação aos dilemas e sonhos da imperfeita e frágil condição humana.

Nesse horizonte, a aposta na perfectibilidade humana encontra na obra literária um potencial formativo, uma vez que levamos em consideração dois aspectos: o inacabamento humano e a especificidade da obra literária. O ser humano não está pronto e possui ao longo de sua vida, a capacidade de aprender e se reinventar. Já a obra literária é um artefato de natureza poética, portanto, é uma obra aberta na qual as mais diversas situações podem se apresentar. Unindo essas duas particularidades, entendemos que sempre é possível apostar na formação humana.

Nesse caso, a estética comparece como uma dimensão formativa, na medida em que através dela a nossa razão sensível é convocada a aprender, a pensar e a imaginar. E quando colocamo-nos no horizonte da obra, abertos aos seus acenos, algo a mais pode nos acontecer, podemos ser compelidos a reflexões profundas, a pensares que podem ser formativos. Isso pode ser entendido como uma dimensão da experiência estética. Dessa forma, os sentidos potencializados por novos saberes e valores, oportunizam uma reflexão que também é de ordem ética, pois “[...] se relaciona com a deliberação prudente, uma habilidade particular da razão prática que guia as ações humanas” (Hermann, 2010, p.68). Sob essa ótica, a ética se refere à reflexão do comportamento moral – que provoca a capacidade de julgar e agir com prudência. Assim, ao encontrarmos em narrativas e histórias diversas respostas e perspectivas sobre a existência, experimentamos um processo formativo significativo que pode ser de horizonte ético-estético.

Destarte, é necessário enfatizar que a vivência com o texto literário não se apresenta como salvação do sujeito, independentemente da situação que se encontra, mas sim como uma possibilidade a mais para um processo formativo. A obra não tem a pretensão de nos salvar das nossas mazelas humanas, mas pode constituir-se como um adicional enriquecedor, proporcionando-nos referências e incitando-nos à reflexão. Nessa ótica, a vivência com a obra fornece repertório ético e estético para uma possível tomada de decisão; não assegura uma conduta ética, mas pode fomentá-la.

Nessa direção nos apoiamos nas ideias de Carvalho (2017, p. 105-106), que valendo-se do pensamento arendtiano, afirma o seguinte:

[...] mesmo se desenvolvendo num espaço pré-político, a atividade docente [...] assemelha-se à ação, ainda que com ela não se confunda. Tal como nesta, um professor revela *quem ele é* por seus atos e palavras; suas escolhas não se resumem a deliberações acerca de meios técnicos supostamente mais eficazes para atingir um fim, já que a forma pela qual se ensina e se aprende tem, em si mesma, um caráter formativo. A formação educacional tampouco se confunde com a fabricação de indivíduos adaptados a uma ordem social preestabelecida ou a uma função econômica tida como necessária. Trata-se, antes, de um processo cuja meta é a constituição de um sujeito em interação com o mundo ou, se quisermos permanecer numa terminologia mas estritamente arendtiana, de um alguém que se insere de forma singular na pluralidade do mundo.

Na obra de Carvalho (2017), vislumbramos uma chave para a nossa pesquisa, pois conforme o autor, *a educação é uma herança sem testamento*. Sendo assim, não podemos subestimar o que pode a educação fazer em relação às pessoas, mas, sim, fazer aquilo que nos compete enquanto sujeitos que recebem do Estado a licença para educar e ensinar. Ainda conforme o autor, “[...] é no princípio da formação educacional humanista - entendido em sua dupla acepção de início e de preceito orientador - que se funda essa concepção de formação como a constituição de um sujeito em seu vínculo com o legado histórico de um mundo comum” (2017, p. 111). Ficamos com a provocação de seguir pensando: quais testemunhos humanos a literatura pode “transmitir” aos sujeitos privados de liberdade, que lhes ajudem a re/pensar a sua própria condição humana? Que legado histórico uma obra pode mostrar e, em que medida, isso potencializa o sujeito a pensar a sua vida num horizonte de mundo comum e por fim, o prazer estético tem potencial formativo?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tratou da dimensão formativa da literatura em uma aposta na dimensão ético-estética da obra como um potencial para a autoformação humana. Abordou o tema, tensionando o mesmo ao contexto de sujeitos em privação de liberdade que tem no “Projeto Remição de Pena pela Leitura” uma oportunidade de abreviar o tempo de cárcere e, ainda, do nosso ponto de vista, vivenciar a leitura literária como uma oportunidade formativa.

Considerando estes aspectos, o percurso apresentado faz parte de uma revisão de literatura da área da educação e da literatura na educação e apresenta argumentos em prol da vivência com a obra literária como sendo uma oportunidade formativa que potencializa os sentidos e a estética. Para tanto, retoma a perspectiva da autonomia como sendo uma

dimensão fundamental da emancipação humana e investe na ideia de que a vivência com a obra literária complementa a formação do sujeito.

Ao considerar a especificidade da obra literária, em sua natureza poética e estética, apostamos na possibilidade reflexiva que as narrativas e as histórias imaginadas podem promover na formação das pessoas. A literatura, em sua licença poética, pode estimular o nosso imaginário em diferentes horizontes, abrindo a compreensão para a pluralidade e a alteridade. E, considerando essa particularidade, mobilizamos a perspectiva ético-estética como uma noção que pode enriquecer a relação entre sujeito e obra, uma vez que a estética abre os horizontes do universo da ética e pode, por isso, auxiliar a compreensão acerca dos dilemas humanos. Contudo, temos o entendimento de que isso não é garantia de uma conduta ou ação ética adequada, mas sim, apostamos na ideia de que o sujeito que tem repertório ampliado, têm mais elementos para mobilizar quando uma decisão de ordem ética se apresentar. E, é apostando nessa ideia, que entendemos ser a contribuição da obra literária para os sujeitos em situação de restrição de liberdade: estar diante de uma possibilidade de reflexão e autorreflexão capaz de desencadear um processo formativo e autoformativo.

Ao abordar a educação ético-estética, especialmente através da lente da literatura, exploramos possibilidades de despertar o pensamento crítico via a estética, almejando contribuir para a criação de um ambiente educacional transformador e emancipatório. A particularidade dos sujeitos em situação de cárcere impõe alguns limites a nós professores, pois certas decisões escapam da nossa atuação. Contudo, o que é possível nesse contexto, entendemos que deva ser feito. E, nesse sentido, oportunizar o encontro com a arte é uma ação possível e necessária, mesmo que restrita às vigilâncias, às supervisões, às regras e às normas.

Em meio às leituras e orientações acadêmicas quanto a potencialidade/efeitos da vivência literária na formação integral do sujeito, tendo como horizonte os princípios éticos, estéticos e políticos, reflexões surgem acerca daquela imensidão de concreto angustiante. Seria lá, no cárcere, mediante a oferta de práticas e estratégias que fomentem a literatura como um elemento formativo de viés ético-estético, que a educação pode efetivamente contribuir para a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel na sociedade? Interrogação que demanda nosso olhar atento, e quem sabe nutra nossa esperança.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 3ª edição. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro/RJ, Editora: Paz e Terra, 2020. 208 p.

BAUMAN, Z. **Sobre educação e juventude**: conversas com Riccardo Mazzeo. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 131p.

BOURSCHEID, Suelen; TIMM, Jordana Wruck. Identidade Docente: Os saberes e as identificações do ser professor na literatura. **Revista Literatura em Debate**. v. 18, n. 31. p. 138-156, jan./jun. 2023. Disponível em <https://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/4659> . Acesso em 2 mai. 2024.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. **Educação, uma herança sem testamento**. Diálogos com o pensamento de Hannah Arendt. 1ed. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2017.

CHAUI, M. **A ideologia da competência**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo/ Autêntica, 2014.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020. 224 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 65ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2018. 127 p.

HERMANN, Nadja. **Autocriação e horizonte comum**: ensaios sobre educação ético estética. Ijuí: Unijuí, 2010. 176 p. – (Coleção fronteiras da educação).

HERMANN, Nadja. O enlace entre corpo, ética e estética. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, p. e230051, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/c3Z3pVfgTsGT5BrC3jF3nJS/abstract/?lang=pt> Acesso em: 2 mai. 2024.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento? In: **Textos seletos**. Edição Bilíngue. Tradução do original alemão por: Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes. Introdução de Emmanuel Carneiro Leão. Ed. Vozes, 2ª edição, Petrópolis, 1985.

JOHANN, Maria Regina. **Linguagem, arte e educação ético-estética em perspectiva hermenêutica filosófica**. Ijuí: Unijuí, 2020. 226p. – (Coleção fronteiras da educação).

JULIÃO, Elionaldo Fernandes. **Sistema penitenciário brasileiro: a educação e o trabalho na política de execução penal**. Rio de Janeiro: DP et Alli, 2012.

**O último vagão**. Ernesto Contreras. México. Netflix. 2023. 95 minutos.

OLIVEIRA, Damião Bezerra; SOUZA, Izan Rodrigues de; ABREU Fortunato Waldir Ferreira de. **Aproximações entre Paulo Freire e Theodor Adorno em torno da educação emancipatória**. Educ. Pesqui. 48, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/pdf3LwFkmnvdqdd877qskp/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 2 Mai. 2024.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano; JULIÃO, Elionaldo Fernandes. **A educação na prisão como Política Pública: entre desafios e tarefas**. Educação e Realidade. v. 38, n.1, p. 51-69, 2013. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/edreal/a/76f5PvkNS9GZYtcRmSkdXdF/?format=pdf&lang=pt> >.  
Acesso em: 28 Nov. 2023.

---

## **SOBRE AS AUTORAS**

### **Lidiane Paula Nicoletti**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação nas Ciências da UNIJUÍ/RS (Bolsista PROSUC). Linha de Pesquisa Educação Popular em Movimentos e Organizações Sociais. Possui graduação em Letras pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/ UNIJUÍ). Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Inglesa pela Unyleya Educacional. Professora da Rede Municipal de Ensino de Ijuí/RS, Brasil.

E-mail: [lidiane.nicoletti@sou.unijui.edu.br](mailto:lidiane.nicoletti@sou.unijui.edu.br)

### **Maria Regina Johann**

Professora dos cursos de licenciatura e do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí (PPGEC). Atua nos Grupos de Pesquisa Grupo Mongaba: Educação, linguagens e tecnologias; Grupo Paidotribas e Participa do projeto Formação docente com e em arte/culturas vinculado ao GPAP - Arte na Pedagogia e GPeMC - Mediação Cultural: contaminações e provocações estéticas.

E-mail: [maria.johann@unijui.edu.br](mailto:maria.johann@unijui.edu.br)

Artigo recebido em 15/02/2024.

Artigo aceito em 21/05/2024.